

PESQUISA-AÇÃO E ETNOGRAFIA: CAMINHOS CRUZADOS

ACTION-RESEARCH AND ETHNOGRAPHY: CROSSING PATHS

Vanessa Ferraz Almeida Neves¹

RESUMO

O presente artigo constrói uma interlocução entre a pesquisa-ação e a etnografia, visando desenvolver uma referência metodológica para a pesquisa qualitativa em Psicologia Social.

Palavras-chave: Metodologia, Pesquisa qualitativa, Etnografia, Pesquisa-ação

ABSTRACT

This paper develops an interchange between action-research and ethnography, aiming for a methodological reference for qualitative research in Social Psychology.

Key words: Methodology, Qualitative research, Ethnography, Action-research

"A metodologia é importante demais para ser deixada aos metodólogos".

Howard Becker²

Saber fazer pesquisa é tão essencial aos pesquisadores quanto saber pensar. A discussão sobre metodologias torna-se ponto básico na formação de todos aqueles que estão se iniciando em uma forma de fazer científico no campo de Psicologia Social. Afinal, fazer ciência produz conhecimentos teóricos e também metodológicos.

Metodologia é a disciplina que estuda os métodos e é também considerada como a forma escolhida de se conduzir a pesquisa (THIOLLENT, 1994, p.25). Tendo-se definido o objeto e os objetivos da pesquisa, parte-se em busca do *como* alcançar estes objetivos. A escolha do caminho a ser percorrido durante a investigação não é aleatória, mas deve levar em consideração alguns aspectos essenciais, como aqueles discutidos por MACIEL (1999, p.15): a especificidade da problemática a ser

¹ Mestre em Psicologia, área de concentração em Psicologia Social, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

investigada, a habilidade do pesquisador, os recursos disponíveis e principalmente os pressupostos teóricos que sustentam a pesquisa. BECKER (1993, p.12) defende que os pesquisadores deveriam se sentir livres para inventar métodos capazes de resolver os problemas enfrentados pela pesquisa que estão fazendo, sempre considerando estes princípios gerais. Ao enfrentarmos e discutirmos problemas de método, iluminamos o caminho da pesquisa com novas soluções.

A Psicologia Social, por seu caráter interdisciplinar próprio, faz uso de metodologias trazidas de outros campos das Ciências Humanas, tais como a Antropologia e a Sociologia. Ao tomar de empréstimo métodos de outras disciplinas, surgem questões éticas, teóricas e técnicas. Consideramos valiosa a observação de BECKER (1993, p.14), segundo a qual "problemas de método são sempre relativos à organização das relações entre pesquisadores e as pessoas às quais estudam, e das relações entre as várias categorias de pesquisadores na produção de resultados".

Neste artigo, buscamos contribuir para o debate em torno destas questões ao refletir sobre duas³ das formas possíveis de *como* se fazer pesquisa qualitativa em Psicologia Social: a etnografia e a pesquisa-ação. Abordamos estes dois métodos em uma relação mútua, pensando que a primeira nos ensina como 'ir a campo', e a segunda nos ensina a trabalhar com a demanda que surge neste trabalho de campo.

PENSANDO A PESQUISA QUALITATIVA

Defendemos a perspectiva de que a pesquisa qualitativa em Psicologia Social é uma forma de produção de conhecimento válida "*per se*", e não deve ser considerada importante e útil apenas quando as possibilidades da pesquisa quantitativa se esgotam.

Arilda S. Godoy (1995a) coloca que a pesquisa qualitativa parte de questões amplas, que se definem ao longo do estudo, não havendo hipóteses estabelecidas *a priori*, separação sujeito-objeto, neutralidade científica, generalização, manipulação de variáveis... Este tipo de abordagem se caracteriza pela obtenção de dados descritivos, procurando "compreender os fenômenos estudados segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo" (GODOY, 1995b, p.58). Outra característica importante apontada é o fato da pesquisa qualitativa buscar os dados em seu ambiente natural e, portanto, a habilidade e a experiência do

² BECKER, Howard. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. Ed. Hucitec, São Paulo. 1993. (p.17).

³ Optamos por discutir a etnografia e a pesquisa-ação por serem métodos amplamente utilizados em nosso campo de pesquisa. E apesar de estarem muito presentes em nossa prática, avaliamos que há pouca discussão sobre a relação entre eles. Não desconhecemos, obviamente, que há outras metodologias, tais como o estudo de caso, as entrevistas qualitativas, etc., e consideramos que várias de nossas observações também podem ser úteis para abordar estes métodos.

pesquisador são fundamentais na coleta destes dados. Os dados coletados podem incluir entrevistas, fotografias, desenhos e extratos de vários tipos de documentos (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p.12).

GODOY aponta que "quando nossa preocupação for a compreensão da teia de relações sociais e culturais que se estabelecem no interior de organizações, o trabalho qualitativo pode oferecer interessantes e relevantes dados" (1995b, p.63). Nesta perspectiva, se inserem a etnografia e a pesquisa-ação, que passaremos a discutir em seguida.

A ETNOGRAFIA, OU COMO "IR A CAMPO"

O caráter interdisciplinar da Psicologia Social já é sugerido por sua própria denominação. Esta interdisciplinaridade se coloca não apenas ao nível da produção de teorias, mas também no nível metodológico. Assim, ao aproximar-se da Antropologia, os psicólogos sociais encontram na etnografia um dos tipos de pesquisa qualitativa que pode trazer respostas a problemas específicos sobre como ir a campo de forma a produzir resultados válidos.

A etnografia é definida como "ciência da descrição cultural". GEERTZ (1989, p.17) aponta que o que define a etnografia "é o tipo de esforço intelectual que ela representa: um risco elaborado para uma 'descrição densa', tomando emprestada uma noção emprestada de Gilbert Ryle". É famosa a citação de Geertz sobre o significado da 'piscadela' de olho:

"O caso é que, entre o que Ryle chama de "descrição superficial" do que o ensaiador (imitador, piscador, aquele que tem o tique nervoso...) está fazendo ("contraíndo rapidamente sua pálpebra direita") e a "descrição densa" do que ele está fazendo ("praticando a farsa de um amigo imitando uma piscadela para levar um inocente a pensar que existe uma conspiração em andamento") está o objeto da etnografia - uma hierarquia estratificada de estruturas significantes em termos das quais os tiques nervosos, as piscadelas, as falsas piscadelas, as imitações, os ensaios das imitações são produzidos, percebidos e interpretados, e sem as quais eles de fato não existiriam (nem mesmo as formas zero de tiques nervosos as quais, como categoria cultural, são tanto não-piscadelas como as piscadelas são não-tiques), não importa o que alguém fizesse ou não com sua própria pálpebra" (GEERTZ, 1989, p. 17).

É justamente esta “descrição densa”, em busca da produção de sentidos nos grupos sociais, que a Psicologia Social tem como um dos objetos principais. Portanto, ao nos voltarmos para a etnografia, estamos em busca de nosso próprio objeto de estudo e de opções metodológicas válidas para melhor abordá-lo.

James P. Spradley (1980) defende o entendimento da natureza humana a partir do estudo das culturas de diferentes grupos. Pelo método etnográfico é possível entender a comunidade através do ponto de vista de seus membros, e descobrir as interpretações que eles dão aos acontecimentos que os cercam. SPRADLEY (op. cit.) afirma que este é o objetivo principal da etnografia, segundo Malinowski. Carlos R. Brandão⁴, salienta a invenção de uma *nova atitude* por Malinowski, mais do que apenas a invenção de um novo método: ao recusar explicar a cultura e a sociedade de um outro a partir apenas de fragmentos de relatos de viajantes, desembarca nas Ilhas Trobriant para viver, sentir, falar e escutar este outro. Assim, estamos diante de um mergulho na cultura de um outro que pode nos ajudar a olhar para nós mesmos, tal qual um espelho.

O conceito de cultura defendido por GEERTZ é:

“... essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado [...] Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível - isto é, descritos com densidade” (op. cit., pp.15-20; grifos nossos).

GEERTZ enfatiza, portanto, o caráter auto-reflexivo e de mudança que a cultura possui, sendo esta o contexto no qual os acontecimentos sociais podem ser lidos.

A Psicologia Social pode se inserir nesta discussão, apontando que a prática etnográfica não é realizada em um vazio emocional, neutra de qualquer subjetividade. É uma prática nas, e sobre, relações humanas. São estas relações que permitem distinguir sentidos e significações. O pesquisador se coloca em campo, diante de gente

⁴ BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *Repensando a pesquisa participante*. 3.ed. São Paulo. Brasiliense, 1987 (p.11), citado por Maciel (1999:20).

de carne e osso, sendo ele próprio de carne e osso. Acrescentemos aos corpos presentes, a linguagem, sem a qual significações e re-significações não seriam possíveis. Reconhecendo o papel da subjetividade, ou os "*anthropological blues*", poderemos enfim, diferenciar o piscar de olhos de uma piscadela marota. (DA MATA, 1978, p.35).

SPRADLEY propõe o seguinte ciclo para a pesquisa etnográfica:

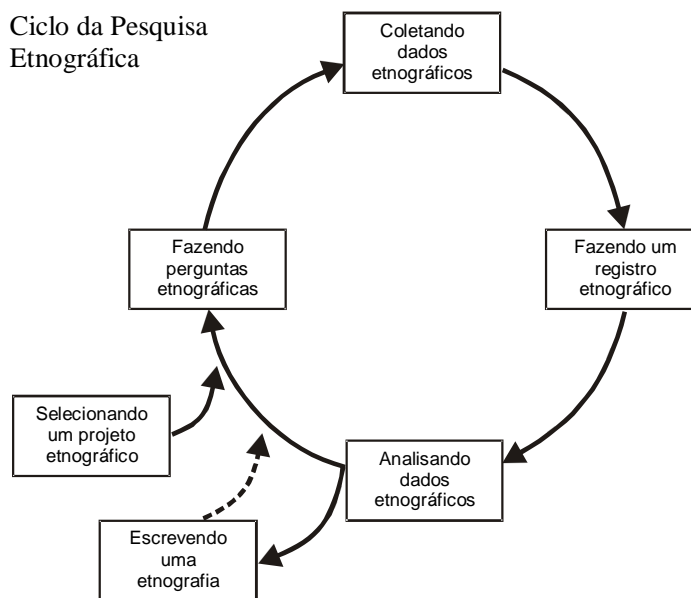


Figura 1: Ciclo da Pesquisa Etnográfica. Fonte: SPRADLEY, J. (1980, p.29). Tradução nossa.

Gostaríamos de explicitar cada fase do ciclo de pesquisa apresentado, por considerá-lo esclarecedor de como se realizar uma etnografia na prática do campo, na dupla tarefa de transformar o exótico em familiar e/ou transformar o familiar em exótico (DA MATA, 1978, p.28).

SELECIONANDO UM PROJETO ETNOGRÁFICO

Toda etnografia começa, segundo SPRADLEY (ibid., pp.30-31), com um único problema geral colocado: descobrir o conhecimento cultural que as pessoas usam para organizar seu comportamento e interpretar a experiência.

Gilberto Velho (1978, p.39) faz observações interessantes sobre este processo de descoberta, apontando que "o que vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas até certo ponto conhecido" (grifos do autor). O grau de familiaridade com o objeto de estudo pode se constituir em um empecilho, se for considerado igual a conhecimento: uma reflexão sistemática e crítica sobre o que já se julga como conhecido leva a um re-conhecimento do objeto. O re-conhecimento do objeto, e

também o encontro com o exótico, podem trazer novas perspectivas e saídas para problemas enfrentados pela Psicologia Social.

SCHATZMAN e STRAUSS, em seu livro "Field Research" (1973, p.19), consideram três pontos principais ao se selecionar o campo para o estudo do tema proposto:

*determinar se o local escolhido favorece de fato a abordagem do tema proposto;

*"medir" as propriedades do local (tamanho, população, complexidade...) em comparação com os recursos do pesquisador (tempo, recursos financeiros, mobilidade, habilidades...);

*colher informações que favoreçam a negociação de entrada no local escolhido;

FAZENDO PERGUNTAS ETNOGRÁFICAS

As perguntas formuladas tendem a surgir fora do contexto cultural na maioria das formas de pesquisa em Ciências Sociais. Ao contrário, ao se propor uma etnografia parte-se do pressuposto que a seqüência pergunta-resposta é um único elemento do pensamento humano, e, portanto, ambas as perguntas e respostas têm que ser descobertas na situação social estudada. SPRADLEY (ibid., p.32) cita Black e Metzger⁵, que enfatizam o fato de "até se saber a quais perguntas alguém na cultura está respondendo, dificilmente poderá se saber sobre as respostas. [...] É necessário saber a quais perguntas as pessoas estão respondendo com seus atos" (tradução nossa).

Ao se passar pelo ciclo de pesquisa, novas perguntas são descobertas, que levarão a nova coleta de informações. Ao analisar estas informações, novas perguntas aparecem, levando à renovação do ciclo.

Toda etnografia começa com perguntas descritivas gerais. Após analisar as informações iniciais coletadas, perguntas estruturais e contrastantes aparecem, que levam a observações focalizadas.

COLETANDO INFORMAÇÕES ETNOGRÁFICAS

Começa-se a pesquisa com observações descritivas gerais, numa tentativa de traçar um panorama da situação social e do que ocorre ali. SCHATZMAN e STRAUSS (ibid., p.34) sugerem que um mapeamento inicial do local a ser estudado seja feito. Esses autores falam sobre três tipos de mapas:

*mapa social (número e tipos de pessoas, hierarquia, divisão de trabalho...);

*mapa espacial (localização das pessoas, equipamentos, salas...);

⁵ BLACK, Mary and METZGER, Duane. "Ethnographic description and the study of law", in NADER, L. *The Ethnography of law*. Ed. American Anthropologist 67(2): pp.141-165, 1964.

*mapa temporal (fluxo de pessoas, horários, reuniões, rotinas...);

Depois de registrar e analisar as informações iniciais coletadas, a pesquisa se estreita e começa-se a fazer observações focalizadas. Finalmente, após mais análises e repetidas observações em campo, será possível estreitar a investigação e fazer observações específicas. A figura a seguir ilustra a passagem de observações gerais, descritivas, para observações focalizadas até a chegada a observações seletivas e específicas. Fica claro nesta figura que até o final da pesquisa não se deve abandonar as observações gerais, ou seja, o conjunto da situação estudada.

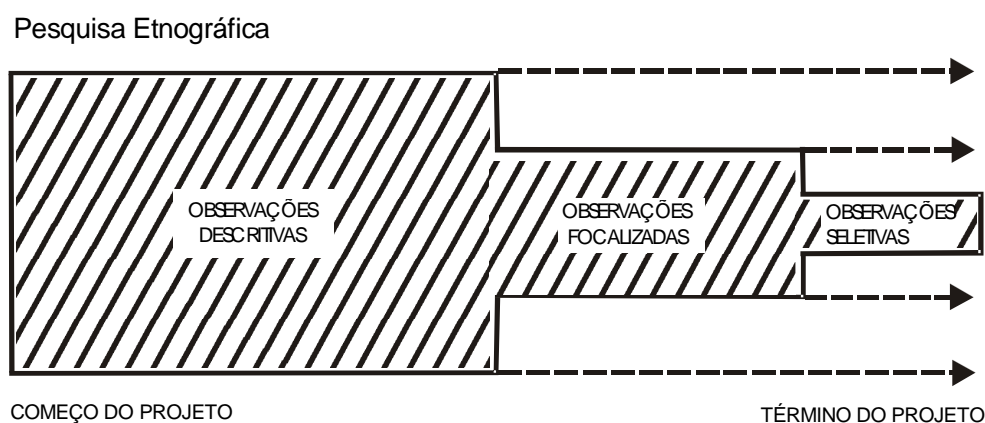


Figura 2: Pesquisa Etnográfica.

Fonte: SPRADLEY, J. (1980, p.34).

Tradução nossa.

O processo de descobertas é sempre dialético e paradoxal: estranhar o que está se tornando familiar, familiarizar-se com o que se torna mais uma vez estranho. Então, há neste momento, a possibilidade de novos re-conhecimentos: algo de novo pode ser produzido.

SPRADLEY (op. cit.) aponta a observação participante como técnica para se fazer um estudo etnográfico, que tem um duplo objetivo: engajar-se em atividades apropriadas na situação estudada e observar as atividades, pessoas, e aspectos físicos da situação. O observador participante experimenta estar dentro e fora da situação estudada, e se transforma, ele mesmo, em um importante instrumento de pesquisa, como já salientamos anteriormente, com seu corpo e linguagem.

SCHATZMAN e STRAUSS (op. cit., p.53) tecem algumas considerações sobre o observador. Este pode inferir propriedades que são tácitas para aqueles que estão imersos na cultura estudada ao manter um constante olhar de surpresa para os

eventos observados e estando, ao mesmo tempo, atento ao significado de sua própria experiência.

Além de fazer observações, o pesquisador também pode fazer entrevistas semi-estruturadas ou abertas com alguns informantes, análise documental, estudo de caso, surveys... Os autores citados acima defendem que a escolha da técnica a ser utilizada deve procurar responder ao problema inicial colocado (ibid., p.14).

Wolcott⁶, citado por LUDKE e ANDRÉ (op. cit.), enfatiza a necessidade do trabalho de campo durar pelo menos um ano, para se alcançar um entendimento das regras, costumes e convenções do grupo ou organização estudados, especificamente instituições educacionais. Gilberto Velho (op. cit., p.37) sugere, em contrapartida, que "a idéia de tentar por-se no lugar do outro e de captar vivências e experiências particulares exige um mergulho em profundidade difícil de ser precisado e delimitado em termos de tempo"(grifos do autor). Podemos entender a necessidade do trabalho em campo durar, não um tempo pré-determinado, mas um ciclo completo (com princípio, meio e fim), a ser definido no próprio campo de investigação, tendo em vista os objetivos da pesquisa.

FAZENDO UM REGISTRO ETNOGRÁFICO

O registro etnográfico inclui notas (das observações, e também insights teóricos e metodológicos), fotografias, filmagens, mapeamentos, documentos, entrevistas.

O instrumento através do qual se registram as observações é o Diário de Campo. Neste Diário, são anotados, da forma mais minuciosa possível, os acontecimentos ocorridos em campo, assim como as impressões subjetivas decorridas destes acontecimentos. Ao se registrar impressões subjetivas e sentimentos, deve-se ter o cuidado de fazê-lo de forma distinta⁷ dos acontecimentos em si, para que possa haver uma avaliação posterior tanto dos acontecimentos quanto dos sentimentos e impressões. No Diário de Campo podem ser registradas também observações teóricas, que serão mais bem desenvolvidas no decorrer da pesquisa. Geralmente, o Diário de Campo resulta em uma enorme quantidade de dados a serem analisados.

Tanto SPRADLEY (op. cit.) quanto SCHATZMAN e STRAUSS (op. cit.) enfatizam a importância de se manter um registro cuidadoso, pois este se constitui em um elo entre as observações de campo e a análise dos dados, que dependerá em muito do que se registrou. O registro, portanto, exerce um considerável controle sobre o

⁶ WOLCOTT, H.W. Criteria for an ethnographic approach to research in education. In: *Human Organization*, 34: 111-128, 1975.

⁷ Através de notas de rodapé, usando cores diferentes para as impressões, ou mesmo letras diferenciadas.

processo de descoberta ao oferecer evidências negativas, conflitantes ou mesmo confirmar a análise dos dados, além de apontar a necessidade de mais observações.

ANALISANDO OS DADOS ETNOGRÁFICOS

SCHATZMAN e STRAUSS (op. cit., pp.108-127) avaliam que uma análise qualitativa não tem as mesmas facilidades de uma análise quantitativa. Os dados qualitativos são extremamente complexos, e dificilmente são analisáveis em unidades de medidas standard, tais como os dados quantitativos. Ao contrário do que se pode pensar à primeira vista, a pesquisa qualitativa é tão ou mais exigente que a pesquisa quantitativa. BECKER (op. cit., pp. 48-49) reflete:

“Em face desta quantidade de dados ‘ricos’ e variados, o pesquisador enfrenta o problema de como analisá-los sistematicamente e, então, apresentar suas conclusões de modo tal que convença outros cientistas de sua validade. A observação participante (na verdade, a análise qualitativa de modo geral) não se saiu bem com este problema e, geralmente, as evidências completas para as conclusões e os processos através dos quais elas foram alcançadas não são apresentados, de modo que os leitores se vêem em dificuldades para fazer sua própria avaliação sobre elas e têm que confiar em sua fé no pesquisador”.

A análise de dados qualitativos envolve o pensar que é consciente, sistemático, organizado e instrumental, portanto a reflexividade está sempre presente. É um processo de interação entre o pesquisador e sua experiência, ou seus dados. Enfatizamos, mais uma vez, o papel da subjetividade do pesquisador. DA MATA (op. cit., p. 32-34) comenta sobre o paradoxo da situação etnográfica: “para descobrir é preciso relacionar-se e, no momento mesmo da descoberta, o etnólogo é remetido para o seu mundo, e deste modo isola-se novamente,(...) e volta-se para sua própria cultura.”

SCHATZMAN e STRAUSS (op. cit., pp.108-127) enfatizam a influência que o quadro referencial teórico tem na observação e na análise dos dados coletados, apontando que este referencial não deve “encobrir” ou distorcer os dados.

Para enfrentar os problemas de análise e apresentação de conclusões, BECKER (op. cit., pp. 50-60) sugere 3 estágios para esta fase da pesquisa etnográfica:

- 1- Seleção e definição de problemas, conceitos e índices (especulação sobre possibilidades; reflexão sobre a equação ‘grupo-informante-observador’ e sobre qual o papel do observador no grupo);

- 2- Controle da frequência e da distribuição de fenômenos (definição de quais problemas, conceitos e indicadores serão válidos como focos principais do estudo; convergência de muitos tipos de evidência sobre o objeto em estudo);
- 3- Construção de modelos de sistemas sociais (concepção e recheagem de um modelo descritivo que explique os dados reunidos; uso de análises estatísticas e descritivas; procura por exemplos que neguem a análise);

LUDKE e ANDRÉ (op. cit., p.16) afirmam que se trata de:

“... encontrar os princípios subjacentes ao fenômeno estudado e de situar as várias descobertas num contexto mais amplo. [...] Essa interação contínua entre os dados reais e as suas possíveis explicações teóricas permite a estruturação de um quadro teórico dentro do qual o fenômeno pode ser interpretado e compreendido”.

Após a análise inicial, o pesquisador deve se voltar novamente para os dados e testar suas idéias e análises, fazendo novas perguntas e, se necessário, novas observações.

ESCREVENDO UMA ETNOGRAFIA

Escrever uma etnografia força o investigador em um maior e mais intenso tipo de análise e coloca o problema da apresentação dos resultados. BECKER (op. cit., p.64) sugere que seja feita uma descrição da história natural das conclusões finais, “apresentando as evidências tais como chegaram à atenção do observador durante os sucessivos estágios de sua conceitualização do problema.” SPRADLEY (op. cit.) afirma que aqueles que começam a escrever enquanto ainda podem fazer observações de campo descobrirão que escrever faz parte do ciclo de pesquisa, pois a escrita pode levar a novas questões e a mais observações.

GEERTZ afirma que:

“fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de ‘construir uma leitura de’) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado” (ibid., p.20).

A postura de escuta e o respeito necessários à construção de uma leitura etnográfica podem ser aproximados ao método clínico. A intervenção do etnógrafo, assim como a do clínico, transforma os dados: o objeto muda sob a ação do processo de pesquisa, tanto quanto no acompanhamento clínico, e neste processo o conhecimento, ou re-conhecimento, é construído.

Passaremos agora à reflexão sobre a pesquisa-ação, uma outra possibilidade do fazer científico em Psicologia Social.

PESQUISA-AÇÃO: UM PASSO-A-MAIS

Podemos remontar a origem da pesquisa-ação a Kurt Lewin, em 1940. Ela surge da necessidade de planejar intervenções transformadoras no campo das relações de grupo. MACIEL (1999, pp. 21-25) reflete que as discussões de Lewin sobre a pesquisa-ação já incluíam críticas aos aspectos conflituais da sociedade americana. Portanto, desde seu início, a pesquisa-ação possui um caráter crítico em relação ao *status quo* dominante.

THIOLLENT (2000, p.14) define a pesquisa-ação como sendo:

“um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.”

Assim sendo, a pesquisa-ação, além de engajar o pesquisador na situação estudada, transformando-o em um observador participante, coloca a importante questão da ação planejada no campo em estudo. É necessário ressaltar que a ação é gerada no próprio processo de investigação.

Há uma estreita participação dos pesquisadores e pessoas envolvidos na pesquisa, deixando estas de serem meros informantes: elas tornam-se sujeitos, produtores ativos de conhecimento. A participação coletiva socializa o poder originado pelo acesso ao conhecimento produzido e permite que o grupo planeje respostas de ordem prática para os problemas vividos pelo grupo. O pesquisador assume um posicionamento político em favor dos grupos excluídos, propondo ações de enfrentamento e mudança dos problemas encontrados.

A pesquisa-ação envolve, portanto, três momentos: o conhecimento da realidade, visando à sua compreensão e à transformação dos problemas vividos pelos grupos excluídos; a participação coletiva de todos os envolvidos e a ação de cunho

educacional e político. THIOLENT (op. cit., p.16) ressalta que “a pesquisa não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo): pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o “nível de consciência” das pessoas e grupos considerados”.

Pensamos ser este o *passo-a-mais* que o pesquisador dá em relação à etnografia, e também em relação a outras formas de pesquisa em Psicologia Social: há uma escuta da demanda do grupo. A partir desta escuta, propõe-se uma ação a ser realizada, tendo em vista os problemas colocados, que exigem soluções de acordo com as particularidades dos atores sociais envolvidos. A ação é planejada em um processo de negociação constante com as pessoas envolvidas.

Colocando-se a ação planejada (seja ela de caráter social, educacional, técnico ou outro) no centro do processo de pesquisa, pretende-se ficar atento não apenas às necessidades práticas da situação estudada, mas também às exigências teóricas “de conhecimento a ser produzido em função dos problemas encontrados na ação ou entre os atores da situação” (THIOLENT, op. cit., p.16). A pesquisa-ação torna-se dinâmica ao estudar as transformações, e suas conseqüências, ocorridas durante o processo de intervenção do pesquisador.

Entretanto, é necessário nos perguntarmos que tipo de ação seria esta, uma vez que nos anos 60/70 surge uma estreita vinculação entre militância política e a prática da pesquisa-ação no âmbito da América Latina. MACIEL (op. cit., p.29) percebe um paradoxo nesta associação, uma vez que o pesquisador define sua “técnica, sua atuação, seu entendimento da realidade em função de uma ideologia de cunho marxista com caminhos pré-estabelecidos de mudanças das estruturas políticas e econômicas dos países capitalistas.” Ao percorrer estes caminhos já pré-estabelecidos, com soluções prontas, o pesquisador é considerado o detentor do saber, podendo ocorrer uma imposição ideológica frente às pessoas envolvidas na situação estudada. Podemos entrever nesta prática da pesquisa-ação uma lógica de dominação, que seria justamente o que os investigadores procurariam combater. Esta autora defende o surgimento de novos referenciais teóricos que possam nortear novas práticas sociais⁸ de pesquisa, não vinculadas a ações político-partidárias, mas como parte de um processo dialógico de transformação. Assim, ela escreve:

“... a ação não pode ser considerada somente a ação concreta, palpável como a construção de creches, fundação de associações, a criação de escolas, mas também devemos considerar as mudanças que se dão no

⁸ Definir a pesquisa-ação como prática social significa considerá-la como um processo de interação, cujo objetivo se estende ao entendimento entre os participantes capaz de provocar mudanças na realidade e nos próprios sujeitos. (Maciel, 1999, p.35).

âmbito do próprio sujeito e suas relações interpessoais e sociais. O processo dialógico – cujo objetivo é o entendimento entre os sujeitos que participam de uma certa comunidade, para que possam construir modelos dessa representação da realidade – pressupõe que os sujeitos debatedores alcancem, após o embate das idéias, uma modificação na forma de agir em diante das situações. A ação organizada coletivamente pode – ser ou não – uma conseqüência desse processo. (ibid., p.32).”

MACIEL (op. cit.) buscando um novo referencial teórico que embase esta nova forma de se conceber a ação, apoia-se em Habermans, principalmente em sua teoria sobre a *ação comunicativa*. Habermans recupera a dimensão da linguagem e enfatiza, no agir comunicativo, a dimensão do entendimento intersubjetivo e do novo sentido que pode ser produzido na interação entre os falantes, inclusive um entendimento que possa ser crítico e questionador. MACIEL acrescenta:

“A idéia de conhecimento produzido pela participação dos sujeitos nas discussões sobre a compreensão da realidade é de grande relevância para a fundamentação da metodologia da pesquisa-ação, uma vez que ela pressupõe como paradigma de investigação o fato dos sujeitos serem capazes de aprender a produzir conhecimentos válidos uns para os outros e para seu próprio contexto de vida. Para a pesquisa-ação, a investigação deveria ser um processo de aprendizagem de tal forma que os sujeitos envolvidos pudessem aprender a aprender. Nesse sentido, o jogo simbólico presente na comunicação apresenta intrinsecamente as condições para a realização dessa meta da pesquisa-ação” (ibid., p.78).

Podemos então, a partir do referencial teórico adotado por MACIEL, propor uma alteração do ciclo de pesquisa etnográfica sugerido por SPRADLEY, supondo que ele pode nos ajudar a pensar a pesquisa-ação como um *passo-a-mais*:

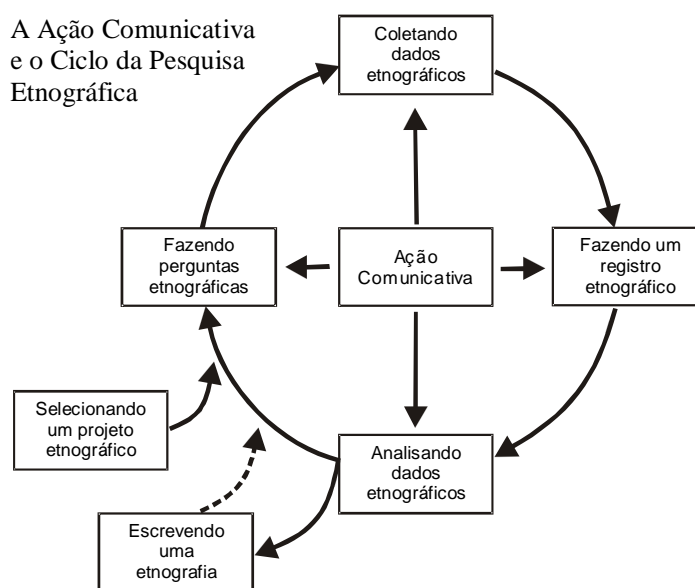


Figura 3: A ação comunicativa e o Ciclo da Pesquisa Etnográfico.

Adaptação

da figura de SPRADLEY, J. (1980, p.29).

Ao colocarmos a 'ação comunicativa', e conseqüentemente a demanda do grupo, no centro do processo investigativo, estamos propondo que ela oriente, por princípio, todas as fases da pesquisa. A relação pesquisador e sujeitos passa a se inserir em uma relação circular, pautada por uma ética definida a partir desta relação, e não a priori baseando-se em um modelo moral de verdade (MELUCCI, 1995).

Citando Maisonneuve (1977), AFONSO tece algumas reflexões sobre diferentes "estilos" de atuação dos profissionais frente às mudanças sociais, que também podem ser aplicadas aos pesquisadores em Psicologia Social:

"No primeiro, tecnocrático, busca-se o controle sobre a população, considerando-se que os profissionais são os detentores do saber, que tomarão as decisões independentemente da população, ainda que intencionem a melhoria da qualidade de vida desta. No segundo, de caráter mais populista, os profissionais limitam-se a responder às preocupações manifestadas pela população, de maneira espontaneísta e sem preocupação com uma direção e uma ética da mudança. No terceiro, de teor emancipatório, busca-se o desenvolvimento das pessoas ou grupos interessados, pela elucidação de suas relações, no decurso das situações com as quais se defrontam – conflitos, desejos, proibições, saídas. Nesse sentido o profissional é um agente de mudança. Esforça-se por adaptar o

seu trabalho à singularidade dos casos, sem perder de vista a teoria e o contexto. Incorpora e promove a participação da população” (2003, p.248).

Os diferentes “estilos” apontados por AFONSO estão relacionados aos princípios éticos que são indissociáveis do fazer científico, e também de toda prática profissional.

Assumimos que o *passo-a-mais* da pesquisa-ação, o trabalho com a demanda levantada no grupo e a conseqüente ação comunicativa, é associado a uma ética emancipatória, se propondo a desenvolver a reflexão dos participantes, atores e sujeitos do seu contexto histórico, político e social. É do entendimento, a partir da dimensão dialógica da linguagem, que é possível a re-construção do conhecimento entre as pessoas envolvidas no processo de investigação, e seu engajamento na transformação de seu contexto sócio-cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos, neste trabalho, traçar um caminho da etnografia à pesquisa-ação, pois acreditamos que são duas formas possíveis de pesquisa qualitativa em Psicologia Social. Consideramos a observação participante, apontada pelos autores citados como técnica de se realizar a etnografia, como uma maneira de interação e apreensão dos significados da realidade social e cultural a ser pesquisada, passível de ser utilizada também na pesquisa-ação. As observações e técnicas apontadas e discutidas em relação à etnografia são válidas e pertinentes também para a prática da pesquisa-ação. Esta discussão tem como pano de fundo o debate sobre a pesquisa qualitativa e suas formas de fazer ciência. Ao percorremos este caminho, pretendemos trazer contribuições para este debate.

Entendemos que a escolha metodológica por uma pesquisa de tipo etnográfica aponta motivos éticos relacionados ao respeito aos valores e práticas do grupo pesquisado, a partir de um princípio de não-interferência e recusa ao etnocentrismo.

A pesquisa-ação busca uma apreensão dos significados produzidos no contexto pesquisado; um agir comunicativo, pautado por uma ética emancipatória neste contexto, com o intuito de transformá-lo a partir do entendimento entre os sujeitos envolvidos no processo investigativo sobre os problemas encontrados e suas possíveis soluções.

Tanto a etnografia quanto a pesquisa-ação nos demanda opções metodológicas e éticas. São posições entre as quais devemos deslanchar uma interlocução. Caminhos que ora se afastam, ora se entrecruzam dependendo de nossos “mapas” de onde partimos, por onde andamos e aonde desejamos aportar – ainda que não haja nunca a certeza apriorística de aonde vamos chegar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, L. et al. **Oficinas em dinâmicas de grupo na área da saúde**. Belo Horizonte: Edições do Campo Social. 2003.

BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Ed. Hucitec. 1993.

DA MATA, R. O ofício do etnólogo, ou como ter 'anthropological blues'. In: NUNES, E. O. (Org.) **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 1989.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995a.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, p. 57-63, 1995b.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU. 1986.

MACIEL, M. I. E. **A pesquisa-ação e Habermans: um novo paradigma**. Belo Horizonte: Una Editoria. 1999.

MELUCCI, A. **Challenging codes: collective action in the information age**. Cambridge: Cambridge University Press. 1995.

SCHATZMAN, L.; STRAUSS, A. L. **Field research: strategies for a natural sociology**. New Jersey: Prentice-Hall, INC., Englewood Cliffs. 1973.

SPRADLEY, J. P. **Participant observation**. New York: Holt, Rinehart and Winston Ed. 1980.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez. 2000.

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, E. O. (Org.) **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.

CONTATO

Vanessa Ferraz Almeida Neves

Endereço Eletrônico: bvneves@terra.com.br

CATEGORIA: Ensaio Teórico

Recebido em 06 de jun 2006

Aprovado em 26 de jun 2006